PAULO FREIRE E A PRÁXIS DA PRÓPRIA VIDA: UMA INSERÇÃO POSSÍVEL NA PESQUISA INVESTIGAÇÃO/FORMAÇÃO?

PAULO FREIRE AND THE PRAXIS OF LIFE ITSELF: A POSSIBLE INSERTION IN RESEARCH/ RAINING?

Fátima Veiga Mendonça[1]

> É no presente concreto, dinâmico, contraditório que se trava a luta de que emerge o futuro. Só o passado enquanto tempo vivido, dando-se à nossa análise, à nossa compreensão, não pode ser transformado. Pode ser compreendido, aceito, recusado, jamais mudado. Não nos é possível intervir nele, mas entendendo seus movimentos contraditórios, atuar melhor no presente. O presente e o futuro são tempos em construção, transitando para o passado. (FREIRE, 2002, p. 200).

Resumo: o texto trata de analisar os escritos autobiográficos de Paulo Freire com vistas a contribuir com os pressupostos teórico-metodológicos da investigação-formação, baseada na tradição (auto)biográfica. Procura resgatar o conceito de práxis em Freire e a partir deste estabelecer caminhos como intuito de colaborar na construção de uma trajetória possível de formação da própria existencialidade.

Palavras-chave: investigação-formação; práxis - existencialidade

Abstract: the paper deals with the autobiographical writings of Paulo Freire in order to contribute to theoretical and methodological presuppositions on training-research, based upon (auto) biography tradition. We seek to rescue the concept of praxis in Freire, and from this, the intention to establish ways to collaborate in building a possible path of a possible trajectory of oneself invention.

Keywords: training-research – praxis; oneself invention

[1] Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob orientação da Professora Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão e integrante do GRUPRODOCI, por ela liderado. Escreveu o presente artigo na qualidade de Mestranda. Professora da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Ensino Médio, na disciplina de História. E-mail: ftvgm@ig.com.br

Artigo recebido em junho de 2010; aprovado em agosto de 2010

Introdução

O presente texto é resultado de minhas reflexões a partir do desafio feito a mim pela Coordenadora do Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade – GRUPRODOCI, coordenado pela Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão de aproximação entre as idéias que servem de aporte teórico para a pesquisa na abordagem epistemológica da investigação-formação e as idéias, sempre lembradas e marcantes para nós, do educador e pedagogo Paulo Reglus Neves Freire.

Iniciei minha participação no Grupo a partir do Seminário Instrumental de Pesquisa (Auto)biográfica, no Curso de Mestrado da PUCRS, 1º semestre/2008, ministrada pela Professora Maria Helena. Tenho encontrado, cada vez mais, sentido na participação deste seminário, pelos aportes teóricos dos quais venho me apropriando e da experiência de vida que esta oportunidade tem sido para mim, levando em consideração a formação acadêmica, mas indo para muito além desta.

Paulo Freire, como tomo a liberdade de denominá-lo, sempre pautou sua vida em um exercício que ele denominava de práxis, em prol de uma coerência que buscava sempre equilibrar teoria/prática, reflexão/ação/reflexão, texto/contexto. De outra parte, nos deparamos com os aportes teóricos trazidos pela metodologia da investigação/formação. Realizar uma aproximação destas idéias é algo instigante e isto me implicou plenamente. Ao longo do texto procurarei elucidar meu caminho de análise, convidando todos os leitores a realizarem esta reflexão comigo.

UM TEXTO NO CONTEXTO

Paulo Freire, nascido em Recife no ano de 1921, no dia 09 de setembro, foi um menino curioso e sonhador, vivendo a sua infância e juventude desde cedo marcada pelas dificuldades econômicas que sua família enfrentou, inseridas no contexto da crise capitalista da década de 20, seja no Brasil, seja no exterior. Lembrando destes períodos e dos posteriores, Paulo Freire nos traz em seus escritos, retrospecto de sua experiência existencial, alicerçada no esforço que sempre propunha de construção da práxis, entendida por ele como um exercício radical de pensar a realidade e objetivar transformá-la, dentro mesmo do contexto de injustiças e desigualdades sociais nas quais o Brasil estava (e está) mergulhado.

Apesar de sua obra bibliográfica estar repleta de depoimentos pessoais, Freire se dedicou a escrever dois livros sabidamente autobiográficos: *Cartas a Cristina*, escritos a

partir de cartas dirigidas à sua sobrinha, editado em 1994 e *À sombra desta mangueira*, editado em 1995. Lançando-se em um exercício de escrever episódios de sua vida, suas dificuldades de toda ordem, seus medos, dúvidas e receios, Freire deixa-nos um legado de caprichosa reflexão praxiológica, implicada de seu ser atuante no mundo, lutando para superar a desumanização humana.

Seus escritos (auto) autobiográficos procuram investigar o homem, que se voltando para trás, procura em sua experiência humana os fios condutores de sua existencialidade. Faço aqui um paralelo com o pensamento de Josso (2004) para a qual existem posições existenciais ao longo de nossa vida que nos falam das nossas decisões, negociações, dos momentos de vida em que nos encontramos. É um exercício que nos possibilita olhar para nosso passado, não com mágoa, ressentimentos ou desinteresse, mas implicados em nosso auto-conhecimento, procurando nossos fios condutores de sabedoria de viver que nos acompanham ao longo de nossa jornada. Estes expressam o nosso ser-no-mundo.

Ler os escritos de Paulo Freire é permitir-se um profundo mergulho nos que foram os anos de constituição da própria República brasileira, alicerçada por forte dependência econômica expressada pelo papel que o Brasil desempenhou e ainda desempenha de nação subsidiária às economias mundiais mais enriquecidas. Portanto, lê-los, é imbuir-se dessa perspectiva e poder participar de suas preocupações com a classe trabalhadora, com os pobres, com a infância roubada das crianças trabalhadoras do Brasil. Os fios condutores de sua existencialidade são fios que traduzem a própria história do país, pois ele implicava-se com o seu contexto. Exercitava a paciência/impaciente da qual falava ao desejar transformada esta lógica excludente do sistema capitalista (FREIRE, 2006, p. 48).

Nessa viagem pela História brasileira, Paulo Freire nos leva aos anos de recessão da década de seu nascimento (Crise de 1929), pelos anos vividos na experiência da pobreza que o alimentou em sua opção e tese político-pedagógica (FREIRE, 2002); ao período de relativa abertura política proporcionada pelo governo Goulart; aos anos da última ditadura militar do país (1964-1985), conseqüentes anos de exílio que foram um drama de ruptura (FREIRE 2006) para si e sua família. Posteriormente seu retorno ao Brasil, o período da abertura política e sua participação no governo estadual de São Paulo.

É possível traçar essa relação porque Paulo Freire foi um homem que ousou participar de seu contexto. Era sua forma de, a partir de seu texto individual, sua vida mesmo, inserir-se no mundo com a consciência das contradições que faziam parte deste e com a utopia de que um novo amanhecer era possível. Seu texto individual tomava forma na medida em que

expressava o contexto de seu tempo vivido e demonstrado a partir de sua experiência como professor[2], inicialmente na Escola de Recife.

Suas reflexões na e a partir da profissão de professor, se realizavam no sentido da pessoa humana saber se expressar, dizer sua palavra, para dizer de sua leitura do mundo, sua compreensão do contexto. Sua epistemologia pressupõe apropriar-se deste estar no mundo para a sua construção a partir da emersão consciente da vontade humana de transformação. Segundo Freire:

> Refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos no e com o mundo. A vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica a consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo. (FREIRE, 2006, p. 21).

Em Pedagogia do Oprimido, o pedagogo traçou, efetivamente, sua posição no contexto desigual em que os homens organizam-se socialmente. Na perspectiva da "educação bancária", uma morte lenta do bonito processo da aprendizagem, da criatividade, da relação amorosa que podemos estabelecer a partir da educação, um estabelecimento dicotômico entre homens e mundo, onde estes são expectadores e não criadores. (FREIRE, 2003, p. 62). Na acepção da "educação problematizadora", proposta por Paulo Freire, mais do que um caminho, na verdade uma opção político-pedagógica, procura-se resgatar a vocação do homem de ser mais, em constante relação dialógica, intencional de seu viver no mundo. Para Freire:

> A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como 'projetos' -, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique como o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (op. cit, p. 73)

A vocação do ser mais é a própria possibilidade da educação que encontra no projetar-se uma forma de estar sendo viabilizada. "É a vocação histórica humana, neste processo de historizar-se e lançar-se para um futuro, que longe de ser inexorável, tornar-se problemático porque repleto de possibilidades" (FREIRE, 2002, p.200). Um destino utópico em construção,

[2] Paulo Freire iniciou sua experiência de docência no Colégio Oswaldo Cruz em Recife, no ano de 1943. Lecionava Língua Portuguesa. Em 1944 casa-se com Elza Maia Costa Oliveira.

a partir do agora. A educação problematizadora foi um grande legado que este educador deixou-nos para que pudéssemos dessa reflexão apropriarmo-nos, aprofundando também nossa reflexão-ação-reflexão no mundo e com o mundo.

O SUJEITO IMPLICA-SE DE SI E IMPLICANDO-SE DE SI, IMPLICA-SE DO OUTRO E DO MUNDO

O Sujeito para Paulo Freire era o da prática social. Imbricado em uma flagrante dicotomização, o homem em sua relação com o mundo estabeleceu, a partir da organização políticoeconômico-social-cultural, um processo de separação entre sua vocação ontológica do ser mais e a prática estabelecida nestas relações. Desta distorção da vocação humana, uma anomalia se estabeleceu, colocando de um lado o oprimido e, de outro, o opressor.

Deste ponto emerge sua teoria/prática, sua práxis, encharcada de prática social, pensada a partir desta ação, teorizada com suportes teórico-metodológicos marxistas. Segundo Freire "não haveria a palavra se ela não fosse práxis, se não emergisse do profundo questionar-se sobre si, sobre os outros e o mundo e, por isto, esta palavra verdadeira transforma o mundo" (FREIRE, 2003, p. 77).

O sujeito é o das relações consigo, com o outro e com o mundo. É o sujeito dialógico que, superando a dicotomia social, consegue emergir desta e transformar o mundo, superando o mundo que é excludente e tornando-o de todos. Interessante realizar neste momento uma relação com a reflexão que nos propõe Pineau (2006) em torno do sujeito. Ele propõe uma retrospectiva da construção do sujeito pensada a partir do contexto pré-moderno, moderno e pós-moderno em torno da vida. O sujeito que inicialmente se estende ao Cosmos, à linguagem mitológica para entender o mundo no pensamento pré-moderno, passa a dizer sua palavra, sua escrita, sua leitura, que mediatizada pelo nascimento da imprensa, recebe a oportunidade de nascer sob as bases modernas do pensamento iluminista. Este pensamento inaugura o paradigma positivista que propõe a disciplinarização do conhecimento. Nesse momento perde-se a dimensão do sujeito que, absorvido, segundo o autor, pela razão prática, perde os sentidos de seus percursos.

Esta imersão resultante de razão prática do conhecimento e servindo de substrato para a sociedade moderna é questionada por Freire no momento que este propõe a emersão desse sujeito para a transformação dessa lógica. Esse movimento não seria solitário, de um sujeito individualizado, mas resultante de uma relação dialética indivíduo/sociedade:

> Desde os inícios, até mesmo no tempo mais indeciso, quase nebuloso, em que começava a visualizar o processo de libertação, jamais pude entendê-lo como expressão da luta individual dos homens e das mulheres, mas, por outro lado, sempre recusei a inteligência dele como fenômeno puramente social no qual se diluísse o indivíduo, manifestação pura da classe.
> Pelo contrário, complexo e plural, o processo de libertação se envolve com quantas dimensões que marquem fundamentalmente o ser humano: a classe, o sexo, a raça, a cultura. (FREIRE, 2002, p. 208)

Pineau, no artigo já citado, na continuação da caracterização dos períodos, estabelece o pós-moderno, uma era marcada pelas tecnologias de informação, pelas múltiplas possibilidades de comunicação. Destas redes interacionais emerge o sujeito ou não, pois este poderá ficar preso aos emaranhados fios que tecem este imbricado nó da chamada pós-modernidade.

Paulo Freire, falecido em maio de 1997, não pode viver plenamente esta explosão midiática na qual vivemos. Vislumbrou, no entanto, e registrou em seus escritos autobiográficos e outros, sua preocupação e atenta escuta aos acontecimentos que vivenciava porque os entendia como um convite para repensar o papel das esquerdas hoje, como assim se referia aos progressistas, a exemplo dele próprio. Preocupava-se muito com a superação mecanicista da prática das esquerdas, em especial as experiências totalitárias e excludentes dos regimes comunistas da metade do século XX, convidando os pensadores progressistas à superação dos erros ao longo da trajetória. Ao final de seu livro Cartas a Cristina, assim registra:

> Como problema filosófico, histórico, epistemológico, político, pedagógico, que tanto diz respeito à Física Moderna quanto à prática educativa, à Teoria do Conhecimento quanto à democracia, este fim de século repõe a questão da importância do papel da subjetividade. Tema, que, afinal, sempre esteve presente nas preocupações humanas e que hoje revive superando certo mecanicismo de origem marxista (...) Uma das funestas conseqüências daquela compreensão mecanicista da subjetividade era a inteligência igualmente mecanicista da História, de natureza determinista, em que o futuro era visto como inexorável, virgem, portanto, de qualquer problematicidade. É na História como possibilidade que a subjetividade assume o papel de sujeito e não só de objeto das transformações do mundo. (op.cit. p. 242)

Freire já vislumbrava no retorno ao Sujeito, a subjetividade por ele denominada, de uma possibilidade da esquerda, como ele se referia, de repensar sua própria prática. Reeditar a práxis, aproximá-la da pedagogia que se propunha de ser um caminho para o resgate da vocação ontológica do ser humano de ser mais, em conjunto com os outros e o mundo. Pineau (op.cit.) aponta-nos, a partir de seu olhar profundo no sujeito em formação ao longo da História, que à volta deste há profundos questionamentos sobre a vida, em um jogo

complicado de tessituras complexas que imbricam as dimensões individuais do ser humano e as dimensões da própria humanidade. Então, falar de nossa vida é, em última análise, falar da vida, em um exercício basilar de renascimento do próprio sujeito no mundo.

Desse encontro, aponto a necessidade do sujeito que, repensando sua vida, mediante o método autobiográfico proposto pela investigação-formação e, mesmo, pela práxis proposta por Freire, possa criar uma meta-análise da própria vida, apropriando-se de um saber viver que, no entendimento de Josso, "é por meio da revelação progressiva dos componentes deste saber-viver que a busca de uma sabedoria, como uma pesquisa de uma arte de viver, se impõe como sendo a hipóstase que orienta fundamentalmente a formação" (2004, p. 88), permita-se se formar a partir mesmo da experiência existencial.

O FUTURO, JAMAIS INEXORÁVEL, MAS PROBLEMÁTICO NA BUSCA UTÓPICA DO SER MAIS

Em seus momentos de luto, descritos por Paulo Freire, fortemente surge à idéia de reinventar-se. Nas tristezas das perdas familiares, nas perdas de companheiros de luta pela democratização do país, no exílio que para ele foi "a ruptura no tempo/espaço partindo para um contexto de empréstimo" (FREIRE, 2006, p. 51), ressaltava serem esses lutos também experenciados de forma esperançosa porque também foram ganhos de maturidade, de experiência, de amorosidade, de tolerância↔coerência, de reflexão↔ação↔reflexão. A vida, então, como um eterno reinventar-se por ser exigência desta mesma vida.

Em seu livro, Josso (2004) nos fala das buscas que pautam os relatos autobiográficos que são elementos de sua pesquisa. Nessas, as pessoas, principalmente em momentos de crise ou levados por questionamentos do sentido da própria existência, lançam-se às buscas de felicidade, de si e dos outros, do conhecimento do "real" e do sentido da suas existências. Em geral momentos de reflexão em que a pessoa cria espaços para além de suas programações sócio-culturais-econômicas e lança-se na possibilidade presente de tomar para si a própria existência e procurar nesta a sua própria sabedoria de viver.

Nessa transgressão às receitas prontas de nosso viver no mundo, o ser humano abre-se para um futuro que, segundo Freire, jamais poderá ser considerado inexorável, mas sempre em construção. Problemático, sim, advindo das escolhas que realizamos na nossa vida na execução de um exercício de coerência com nossos ideais e tolerância, mas não conivência, com a diversidade. Não aceitar o determinismo reducionista, mas alimentar as possibilidades de que o improvável, porém esperado, possa ocorrer.

Paulo Freire colocava na educação esta possibilidade de mudança e busca utópica. Uma busca que resumiu sua itinerância de vida e que traduzia a esperança que tinha na educação como caminho de realização do projeto humano. Uma possibilidade de construção do caminho utópico de ser mais, sua vocação ontológica. Freire, em um exercício de coerência, sempre salientava a importância da educação na busca humana que se projeta para o futuro problemático e não determinado. Segundo ele:

> Não apenas somos inacabados, mas nos tornamos capazes de nos saber inacabados. Aí se abre para nós a possibilidade de inserção numa busca permanente. Uma das raízes da educação, e que a faz especificidade humana, se acha na radicalidade da inclusão que se percebe como tal. A permanência da educação também está no caráter da constância da busca, percebida como necessária. Da mesma forma, aí se enraíza o fundo metafísico da esperança. (FREIRE 2006, p. 25)

Como Marie-Christine Josso, Freire nos fala das buscas, que, no entanto, só significavam a partir da construção com o outro, da relação amorosa e radical com esse outro. Buscas que estão alicerçadas nesse futuro que se mostra problemático, não no sentido de este representar maiores problemas que o próprio presente, mas de ser um devir, que transita por meio de nossas escolhas individuais e conjuntas. O futuro considerado como um tempo de possibilidades, visto o homem ser histórico, e estas possibilidades serem construídas no presente, neste tempo que abarca o passado e o futuro, quebrando a lógica da temporalidade.

A busca final da sabedoria de viver se traduz na educação problemática proposta por Freire a partir da dúvida epistemológica que leva o homem a questionar-se sobre sua condição no mundo. Nesse momento, cria-se um espaço consciencial em que o sujeito, atento ao seu viver, percebe que é muito mais além do que a própria condição de desumanidade ou opressão em que vive. Podemos, realizar um paralelo com o proposto por Marie-Christine Josso: seria aquele momento em que, para além das crises e/ou desesperanças, o homem se lança ao questionamento do porquê. Neste questionamento, o exercício da atenção consciente de si, do outro e do ambiente:

> É sobre essa atenção consciente que repousa uma atitude reflexiva capaz de intersubjetividade (que implica centração sobre si e abertura ao outro), visto que o caminhar em cada uma das buscas e a articulação das buscas entre si impõem levar em consideração as suas dimensões individuais e coletivas.(op.cit. p.103).

Esta atenção consciente a si, aos outros e ao ambiente é a ferramenta pela qual a pessoa passa a emergir da condição em que se encontra para, a partir disto e apesar desta,

lançar-se, de forma a mais consciente possível, em um exercício de coerência com sua própria práxis existencial: reflexão↔ação↔reflexão da própria vida.

Concluindo...

O movimento de pesquisa investigação/formação, alicerçado nos relatos das Histórias de Vida, ganha cada vez mais força em nosso meio acadêmico, principalmente ligado à área da Educação. Tenho entendido este movimento como uma autoformação alicerçada na construção consciente de nosso ser no mundo.

Quanto mais consciente me torno de eu mesma, do outro e do mundo, mais condições terei para fazer escolhas que me levem ao caminho da construção de minha sabedoria de vida, esta pessoal, mais pautada nestas relações.

Em Paulo Freire temos o homem coerente e tolerante, paciente/impaciente de uma transformação social que simplesmente proporcione ao homem aquilo que nunca deixou de ser próprio dele: a liberdade.

Seja no movimento (auto) biográfico que ora se apresenta a nós com a força de uma teoria metodológica consistente de reinventar-se, seja no pensamento freireano que embalou os sonhos e ideais de um mundo melhor porque superior à dicotomia opressor/oprimido, a dimensão humana que se faz a partir de um olhar significativo do presente em direção ao passado e, prospectivamente, ao futuro, é uma possibilidade concreta de desconstrução/construção de nossa existencialidade. O resgate da importância da educação e autoformação trilha também este caminho porque traduz o projeto da humanidade que se lança, apesar de nossas trajetórias individuais↔coletivas, nem sempre traduzirem nossa coerência, na busca utópica de um mundo melhor, seja mediante uma visão micro-cósmica e/ou macro-cósmica.

De qualquer sorte, necessitamos estar conscientes dos trajetos, itinerários e construções humanas, para desta forma, cada vez mais, buscarmos a força que habita em nossa vontade e sustentarmos a viabilidade de nossa existencialidade no mundo.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. *Profissionalização docente e identidade – narrativas na primeira pessoa.* In. SOUZA, E. C. de. (Org.) *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.* 1. ed. Porto Alegre/Salvador: Edipucrs/EDUNEB, 2006. v. 2. 371 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 184 p.

_____. *Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis.* 2ª ed. revista. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *À sombra desta mangueira.* 8ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006. 119 p.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação.* São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

PINEAU, Gaston. *As histórias de vida como artes formadoras d existência.* In. SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* 1.ed. Porto Alegre/Salvador: Edipucrs/EDUNEB, 2006. v. 1. 357 p.